



## RELATO DE EXPERIÊNCIAS DA PROFESSORA QUE SAIU DA BOLHA

THAÍS ELISA ABREU PACHECO

### RESUMO

Este relato de experiências representa o conjunto formado pelas experiências, discussões, reflexões e afetos que emergiram durante as discussões da disciplina Práticas Docentes, Currículo e Decolonialidade do Doutorado em Ensino e História da Matemática e da Física do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PEMAT) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cursada por esta autora como aluna especial do programa no segundo semestre letivo de 2021. Este relato de modo um pouco pessoal e contextualizado, possui objetividade e aporte teórico, buscando revelar os enfrentamentos e dificuldades e com isso, serve não apenas para sensibilizar os demais docentes que porventura possam vir a ler este relato mas também para indicar novos caminhos e rumos para a reformulação da prática docente pessoal desta autora, ao trazer considerações e reflexões a partir da (tardia) provocação que a luta antirracista causou durante as reflexões de tal disciplina e com isso, a necessidade de reinvenção da prática docente desta autora. Dessa forma, este relato não apenas descreve uma situação, mas estabelece ponderações e reflexões, embasadas na experiência relatada e no seu respectivo aporte teórico. Apesar de há 20 anos o movimento social negro ter conquistado uma lei que representa um passo significativo em direção à mudança da estrutura social, percebemos transformações pouco significativas e impactantes nos livros didáticos, o que reflete que a lei é pouco aplicada de fato no currículo em geral provavelmente por não ser acompanhada por políticas públicas que acompanhem tal mudança. Espera-se que tais experiências possam contribuir para outros pesquisadores da área, ampliando o efeito da experiência pessoal como exemplo para outros estudos e vivências para que os docentes possam ser incentivados a conversar sobre as mais diversas questões que envolvem a prática docente e para que a escola de fato possa cumprir a sua função social na luta antirracista.

**Palavras-chave:** Práticas docentes; Currículo; Decolonialidade; Antirracismo.

### 1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiências representa um dos componentes de avaliação da disciplina Práticas Docentes, Currículo e Decolonialidade do Doutorado em Ensino e História da Matemática e da Física do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PEMAT) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), disciplina ministrada pelo professor Victor Augusto Giraldo em 2021.2. A estrutura deste relato de experiências é dividida nas seguintes seções: esta primeira apresenta uma breve introdução sobre o relato, já a segunda mostra reflexões e afetos que permearam durante o semestre letivo sobre os grandes temas que norteiam a disciplina cursada, principalmente em relação à questão racial. A terceira sessão apresenta a discussão sobre as formas pelas quais as experiências nas aulas da disciplina Práticas Docentes, Currículo e Decolonialidade produziram resultados e reflexões, e na última seção, os objetivos que se pretende percorrer a partir da conclusão da disciplina e deste relato de experiências e por fim, as referências bibliográficas que estruturam este relato de experiências.

O objetivo deste relato é de contribuir com a discussão, troca e proposição de ideias para a melhoria da qualidade da prática docente individual e coletiva através da descrição dessa vivência, trazendo motivações e propostas para as ações e as considerações/impressões que a vivência na disciplina trouxe para a experiência pessoal da docente.

O relato é feito de modo contextualizado, com objetividade e aporte teórico, buscando revelar os enfrentamentos e dificuldades e com isso, servindo não apenas para sensibilizar os demais docentes que porventura possam vir a ler este relato, mas também para indicar novos caminhos e rumos para a reformulação da prática docente pessoal, ao trazer considerações e reflexões a partir da vivência sobre a qual se relata e que sejam significativas para a área de estudo em questão. Isto é, este relato não apenas descreve uma situação, mas estabelece ponderações e reflexões, embasadas na experiência relatada e no seu respectivo aporte teórico. Espera-se que tais experiências possam contribuir para outros pesquisadores da área, ampliando o efeito da experiência pessoal como exemplo para outros estudos e vivências.

## **2 RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Para este relato, muitas perguntas vieram à mente durante o curso da disciplina. São elas: Sobre qual parte da experiência vivida durante o semestre da disciplina pretende-se contar? O que gostaria de contar sobre a experiência? Quais desafios foram encontrados para o desenvolvimento pessoal da prática docente? Pensando no que foi descrito sobre a experiência, o que mais ainda pode ser feito? E é exatamente em cima dessas perguntas que se pretende desenvolver este relato.

Não há dúvidas que o tema que mais provocou a reformulação/reinvenção da prática docente desta autora foi a parte da disciplina direcionada à diversidade racial e ao racismo. E é exatamente sobre isso que se refere à questão da bolha anunciada no título. Foi apenas durante o curso da disciplina que ao sentar na frente da televisão para assistir um jornal local que pude perceber que as três notícias seguidas que haviam sido transmitidas tinham algo em comum: práticas racistas, negros sendo injustiçados. E houve um misto de sentimentos ali naquele momento: havia dor ao tentar me colocar no lugar do outro em cada uma das situações, mas havia também uma revolta muito grande de fazer parte de uma sociedade tão racista, mas o sentimento maior era o de ter vergonha de viver tantos anos sem perceber o que acontece ao tempo todo ao meu redor e com isso, não exercer a docência como deveria.

Sinceramente não consigo entender como cheguei aos 34 anos sem perceber que isso acontece o tempo inteiro ao meu redor e confesso com muita vergonha que nunca percebi. Hoje carrego também a vergonha de ter me autointitulado branca durante esse tempo todo, sendo orgulhosamente neta de um avô negro que casou com uma loira de olhos azuis e de descendência alemã. Faço parte da descendência do povo privilegiado, mas também do povo que necessita lutar para assumir sua posição. E é exatamente sobre o despertar que essa disciplina me trouxe ao sair da bolha da zona de conforto que pretendo relatar aqui, não apenas para que os outros saibam o que a disciplina me provocou, mas para encorajar a saírem da sua zona de conforto, preencherem lacunas e brechas de sua formação acadêmica e docente, e assim, se reinventarem como docentes, mas principalmente como pessoas.

Ambos os textos de Fanon (2008) e Alberti e Pereira (2016) discutidos durante a segunda semana do semestre letivo da disciplina Práticas Docentes, Currículo e Decolonialidade trouxeram reflexões significativas e inquietações pelo modo como vinha conduzindo as minhas aulas, centradas no que eu mesma acreditava que era o correto para uma professora branca de uma disciplina considerada por mim como neutra (até antes desta disciplina) diante de questões políticas, sociais e raciais, e até mesmo de qualquer outra questão que seja tida como polêmica.. Fanon (2008) em seu livro *Pele negra máscaras brancas* afirma:

“Muitos pretos não se reconhecerão nas linhas que se seguem. Muitos brancos, igualmente. Mas o fato de que eu me sinta estranho ao mundo do esquizofrênico, ou do impotente sexual, em nada muda a realidade deles.” (FANON, 2018)

Essa citação me fez refletir que não me ver em determinada condição não muda a realidade da mesma, mas que o meu papel enquanto ser humano e especificamente enquanto docente é não me calar, me posicionar e contribuir dentro e fora de sala de aula de todas as formas possíveis para que possamos alcançar um futuro mais humano. Fanon (2008) também afirma:

“Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro. E esse futuro não é cósmico, é o do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum pretendo preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente a minha época. E é pra ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente. Esta edificação se liga ao presente, na medida em que coloco-o como algo a ser superado.” (FANON, 2018)

Que ações podem ser realizadas em nossas práticas docentes que contribuam com o processo de libertação do complexo do negro originado no seio da situação colonial? Até então havia tido a “escolha” de não citar as questões ditas até então como “polêmicas” em sala de aula considerando como privilégio ser da área de “exatas” e não precisar falar sobre isso. E ainda, considerava que o justo era não falar sobre o negro pois assim estava tratando-o como igual. Dessa forma, muitas vezes o silêncio tomava o lugar que deveria ser de discussão de questões tidas como “polêmicas” principalmente por achar que se não chamamos atenção para a discriminação nos tornamos mais semelhantes enquanto hoje percebo que isso só aumentava a discriminação à medida que o valor histórico de luta do movimento negro até aqui foi negligenciado, o que aumenta ainda mais a disparidade racial na sociedade, e com isso a discussão sobre racismo causa relutância no Brasil.

Embora a questão da consciência negra tenha chegado de forma bem tardia para esta pesquisadora, desde nova sempre fui muito motivada pelos meus pais a estudar “para um futuro melhor” e até hoje coloco as minhas expectativas na educação como a principal fonte de esperança de dias melhores para o povo brasileiro. E é assim que hoje me vejo nesse momento que de querer ver e viver a ascensão social que pode ser proporcionada pela educação, como Nilma Bentes relata no texto de Alberti e Pereira (2016): “E na escola é onde a gente aprende pela primeira vez que existe discriminação, que existe a questão do negro”. Foi assim que aconteceu na minha vida e eu creio que possivelmente na vida de muitos outros também.

Existe ainda a importância de não permitir com que essa percepção quanto às diferentes formas de discriminação adormeça ou até mesmo que se torne algo tão comum ou que gere indiferença à causa “do outro” (mas que na verdade é de todos nós) como aconteceu comigo. É necessário a prática de se colocar no lugar do outro, carregando nos nossos peitos a angústia que nós apenas podemos imaginar mas que não somos negros não entendemos o que é ao sair de casa e se perceber discriminado. Como Fanon (2008) descreve:

“Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro.” (Fanon, 2008).

É preciso levar em consideração também a exemplificação que Fanon (2008) trouxe em relação às discriminações com outros povos em comparação ao racismo sofrido pelos negros:

“Ainda assim o judeu pode ser ignorado na sua judeidade. Ele não está integralmente naquilo que é. As pessoas avaliam, esperam. Em última instância, são os atos e os comportamentos que decidem. É um branco e, sem levar em consideração alguns traços discutíveis, chega a passar despercebido.” (...) “O judeu só não é amado a

partir do momento em que é detectado. Mas comigo tudo toma um aspecto novo. Nenhuma chance me é oferecida. Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da "idéia" que os outros fazem de mim, mas da minha aparição." (Fanon, 2008).

E discriminação essa também relatada através do depoimento de Nilma Bentes por Alberti e Pereira (2016):

"Aqui no Pará, onda há uma miscigenação muito forte com índios, tanto índios como negros são discriminados. E mesmo, numa escala hierárquica da discriminação, ser índio é menos pior do que ser negro. (Alberti e Pereira, 2016)

Outro fato que também me fez refletir foi o fato do negro precisar provar estar sempre provando a sua competência só porque é negro, como podemos ver no depoimento de Sueli Carneiro por Alberti e Pereira (2016):

"Nós somos negros, somos visados, então temos que fazer tudo melhor. Temos que fazer tudo muito bem feito para não dar elementos que nos discriminem." (Alberti e Pereira, 2016)

E o mesmo ainda pode ser percebido no livro do Fanon:

"Era o professor negro, o médico negro; eu, que começava a fraquejar, tremia ao menor alarme. Sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e o dos outros que o seguiriam." (Fanon, 2008)

Ambos os textos citados nesta seção me fizeram refletir e muito sobre o racismo e ainda mais sobre o meu papel como principalmente como docente diante deste. Podemos perceber através dos depoimentos trazidos por Alberti e Pereira (2016) que a escola é um lugar onde o racismo é perpetuado. A escola pode ser muitas vezes o primeiro local em que a pessoa negra pode sofrer diretamente com o preconceito. Sendo assim, nós, professores, através da nossa prática em sala de aula, precisamos estar cada vez mais atentos e preparados para combater sempre as práticas racistas e todo o racismo estrutural que o nosso povo brasileiro. É preciso perceber todas as brechas nas quais podemos atuar e se for necessário rasgá-las para provocar a ruptura de todas as formas de comportamento racista.

### 3 DISCUSSÃO

Evidenciadas as brechas e as necessidades de uma reinvenção/reformulação da prática docente desta pesquisadora, retomo a pergunta: Que ações podem ser realizadas em nossas práticas docentes que contribuam com o processo de libertação do complexo do negro originado no seio da situação colonial? E ainda acrescento: Como valorizar e reconhecer a história de luta do movimento negro nas nossas salas de aula, na nossa prática docente? Como fazer com que os que se reconhecem brancos, os que se reconhecem miscigenados e os próprios negros percebam que o lugar do negro é em todo lugar?

Ao ler as exemplificações em Walsh (2017) dos movimentos em que alguns atores têm atuado diante dessas rachaduras provocadas pela colonização clareou e iluminou muito o meu pensamento. É importantíssimo reconhecer que não iremos transformar o mundo de um dia pro outro, embora a maioria deseje isso, e reconhecer as rachaduras e perceber como alguns têm atuado diante delas é encorajador e nos enche de esperança num cenário como o atual em que percebo quão grande tem sido a indiferença e as tentativas de nos silenciarem. E a minha dúvida hoje é algo que percebo que não é capaz que seja apenas minha, mas de vários outros colegas também e por isso eu resolvi colocar neste relato por ser exatamente neste sentido de ação, de trazer para a nossa prática docente: como eu posso participar desse movimento de educadores

profundamente conectados com a história do nosso continente e contribuir para uma sociedade a cada dia mais livre, justa e solidária? Em quais rachaduras ou brechas podemos identificar uma possibilidade de ação?

Para que possamos identificar as possíveis formas de ação precisamos primeiramente aprender a nos colocarmos no lugar do outro. Para compreender esse fenômeno nacional é possível se referir ao trabalho de Nogueira (2006), que fez uma diferenciação da situação racial entre os Estados Unidos e o Brasil. Ele propõe que há um preconceito racial de origem e o preconceito racial de marca, onde o primeiro refere-se à discriminação que um indivíduo sofre em questão da sua descendência estigmatizada, enquanto o segundo acontece por traços físicos individuais, se referindo assim a um grupo estigmatizado pela aparência. Segundo ele, “onde o preconceito é de marca, a ideologia é, ao mesmo tempo, assimilacionista e miscigenacionista; onde é de origem, ela é segregacionista e racista” (Nogueira, 2006, p. 297). O autor ainda elenca consequências do preconceito racial de marca como “consciência intermitente da discriminação”, quando ela é contínua no preconceito racial de origem. Assim, o racismo no Brasil se dá de forma descontinuada e velada, por não se ter uma consciência clara da discriminação.

Nota-se também a falta de compreensão do racismo por parte de negros ou mesmo a falta de autorreconhecimento da própria negritude, o que muitas vezes pode representar um grande obstáculo para a superação de racismo entre os próprios negros, que ao não se considerarem como tais, fato que muitas vezes acontece devido à miscigenação, podem provocar discriminação, *bullying* contra aqueles que têm a pele mais escura que os demais, por exemplo, ou até mesmo pelo tipo de cabelo, por exemplo. Fato que dificulta muito as desconstruções, o que interfere inclusive os professores que precisam reconhecer o racismo presente na sociedade para que haja posicionamento em sua prática docente. Pretende-se com isso possibilitar a formação de ambientes de compartilhamento de práticas docentes criando uma comunidade investigativa no colegiado do Curso Técnico em Eletrônica Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Fluminense *campus* Campos Guarus, curso no qual esta pesquisadora coordena e atua como docente nos dias atuais para que exista a possibilidade de integração de práticas docentes compartilhadas e para que possamos identificar as brechas e atuar nelas.

Ao longo dos anos tenho percebido que as soluções propostas para os casos em que a questão racial é envolvida na escola acontece de forma individual e apenas quando há algum conflito. Há em geral um aconselhamento para que os alunos possam se conhecer e aprender uns com os outros, o que em geral não toca na raiz do problema do racismo estrutural brasileiro. Silva (2018) entende essa atuação como silenciamento docente que pode ser constatado em várias pesquisas sobre racismo e outras discriminações como visto em Pereira (2011), que analisou artigos entre 2003 a 2014 com essa temática o que permitiu que a autora afirmasse que quando a escola incentiva os alunos a ignorar as agressões sofridas estimula uma cultura de silenciamento, o que contribui para tornar a discriminação invisível.

A Lei n. 10.639/2003 trouxe a obrigatoriedade da inclusão da temática da cultura e história da comunidade afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Essa alteração é um instrumento de descolonização do currículo na concepção de Gomes (2012), o constitui um importante enfrentamento à ideologia historicamente propagada nos currículos. Porém uma das características visíveis no corpo docente das instituições em geral é a resistência ao novo, resistência às mudanças como se refere Dubet(2000), principalmente através de imposição, pois normalmente os gestores são pessoas que já se afastaram muito da realidade de sala de aula. Essa implementação de cultura e da história afro-brasileiras por meio de lei implica na resistência à mudança da prática docente, como também, à uma transformação de valores sociais para valorizar algo que hoje é desvalorizado.

## 4 CONCLUSÃO

Acredita-se que a resistência à reformulação de sua prática docente em geral ocorra por ausência de formação adequada para lidar com as questões ditas como “polêmicas” e nem sempre os docentes sentem o desejo de capacitação, o que reforça a necessidade da proposta da comunidade investigativa citada na página anterior para que os docentes recebam o apoio, encorajamento e a motivação necessária para que se sintam capazes de promover ações contra a discriminação no ambiente escolar. Reconheço a necessidade também de incentivar o envolvimento da maior parte dos professores e alunos em projeto voltado especificamente para a discussão da questão racial. Além disso, defende-se também a importância de que a gestão de cada escola favoreça e possibilite boas condições de trabalho para que os docentes possam trabalhar motivados e proporcionar a possibilidade de intervenção no combate ao racismo. Reforça-se ainda a necessidade de formação adequada para que todos os docentes que não se sentem competentes para lidar com tais questões possam se sentir seguros sobre as formas possíveis de lidar contra o racismo estrutural e institucional vivido pela população brasileira desde a colonização até os presentes dias. A igualdade de educação precisa primeiramente fazer parte do corpo docente.

Apesar de a Lei n. 10.639/2003 ser uma conquista do movimento social negro e representar um passo em direção à mudança da estrutura social, Muller (2018) revela transformações pouco significativas e impactantes nos livros didáticos, o que reflete que a lei é pouco aplicada de fato no currículo em geral provavelmente por não ser acompanhada por políticas públicas que acompanhem tal mudança. Necessita-se dessa forma de formação docente mais qualificada para que a conquista na lei possa de fato fazer parte da realidade de cada currículo. Essa efetividade reforça a necessidade da implementação de tal comunidade investigativa para o compartilhamento de práticas docentes (já relatada anteriormente) para que os docentes possam ser incentivados a conversar sobre as mais diversas questões que envolvem a prática docente e para que a escola de fato possa cumprir a sua função social na luta antirracista.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI V.; PEREIRA. A.A. Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC. Pallas Editora, 2016.

COLARES, J. STRECK, D.R. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. *Educar em Revista*, v. 35, n. 78, 2019.

DUBET, F. Peut-on encore reformer l'école ? In A. Van Zanten (Dir.), *L'école: L'état des savoirs* (Textes à l'appui, série l'état des savoirs). Éditions la Découverte. 2000.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.

GOMES, N. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*. 2012

MULLER, T. M. Livro didático, educação e relações étnico-raciais: O estado da arte. *Educar em Revista*, 34(69), 77-95. 2018

PEREIRA, J. S. Diálogos sobre o exercício da docência: Recepção das leis 10.639/03 e

11.645/08. Educação e Realidade, 36(1), 147-172, 2011.

SILVA, A.C. A desconstrução da discriminação no livro didático. In K. Munanga (Org.), Superando o racismo na escola (2a. ed. rev., pp. 21-38). Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Walsh, C. Pedagogías Decoloniales. In: Alarcón, T.G.; Cruz, A.N. Convergencias y divergencias: hacia educaciones y desarrollo "otros". Bogotá: UNIMINUTO/CED, 2017.